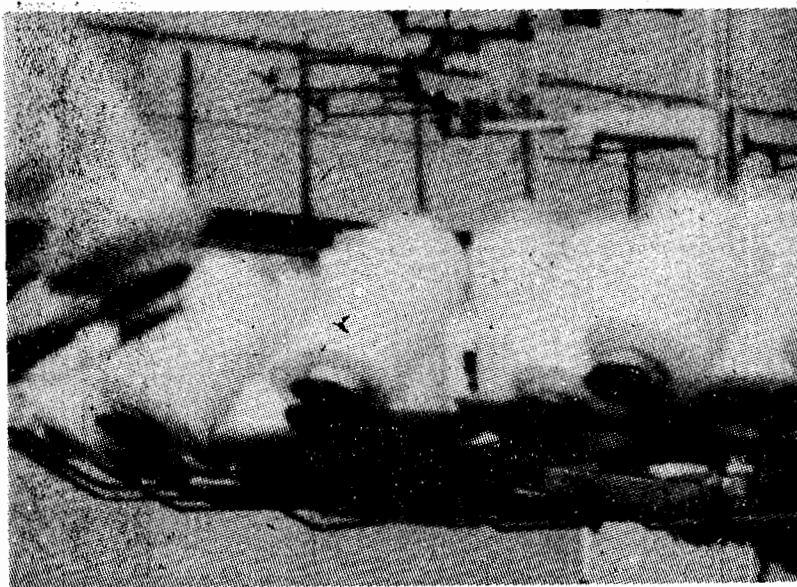


Têxteis:

Porque não

Instaladas em várias províncias do País, as unidades de produção de têxteis têm dimensão diversa, como diversos são também os artigos que produzem. Estes vão desde cordas e sacos de ráfia, junta ou sisal às fraldas para bebé e à lona para calçado, passando pelos tecidos de algodão e de fibras sintéticas.

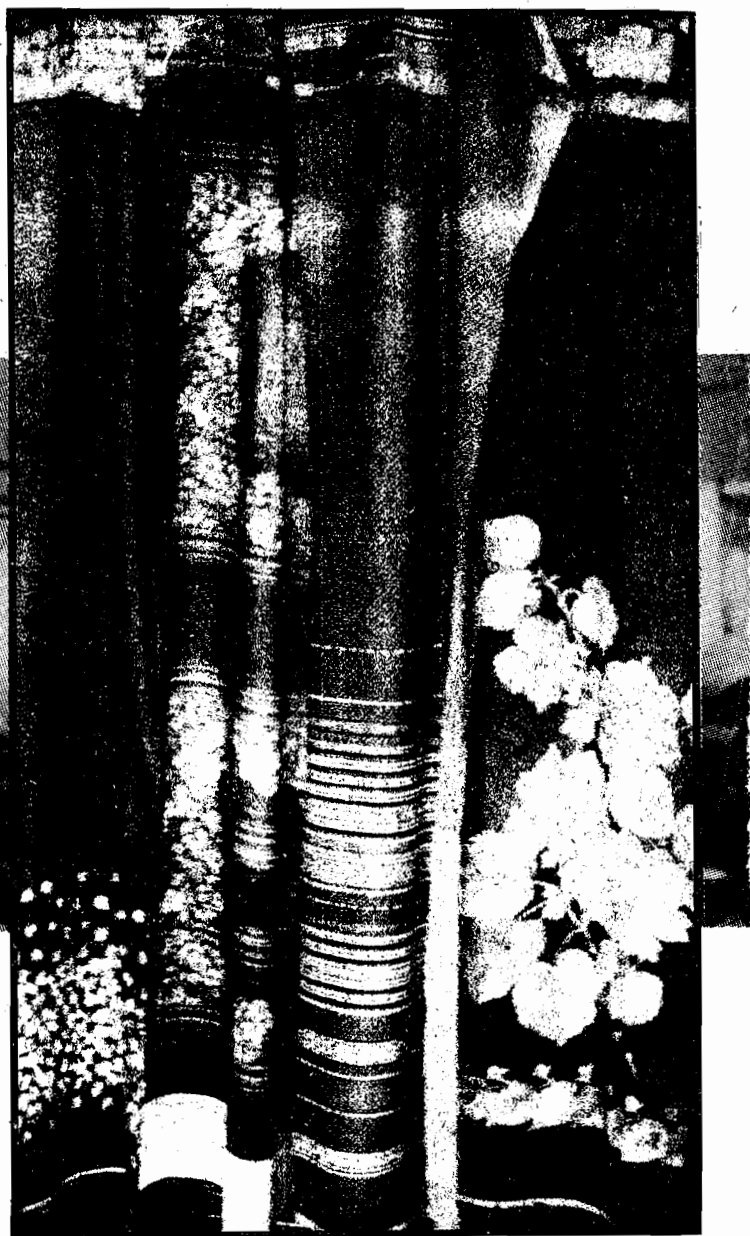
Alguns destes artigos destinam-se ao consumo interno. Outros, quase exclusivamente à exportação. E é em relação a esta última área que se levantam algumas dificuldades, o que faz colocar a pergunta: Porque não exportamos?



Texto de
Luís David
Fotos de
Nafta Ussene
e
Domingos Elias

As metas definidas pelo PEC/81 para o sector têxtil não foram integralmente cumpridas nos primeiros três meses do ano, embora seja perfeitamente possível a sua recuperação ao longo dos restantes meses.

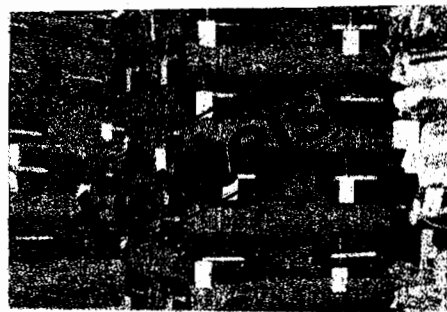
As origens da situação fundamentam-se principalmente em factores organizativos (ver «TEMPO»



n.º 550) o que, em certos casos, se reflecte na falta de sobressalentes ou de produtos químicos, ou em demoras na importação de matérias-primas ou na montagem de maquinaria cuja entrada em laboração já se devia ter verificado.

De acordo com a opinião de um responsável do Ministério da Indústria e Energia, as metas definidas para os têxteis não estão postas em causa, o que não exclui, naturalmente, que tenham já sido desencadeadas várias acções, prin-

este, que produz uma variada gama de artigos e que inclui unidades de produção de dimensão muito diferente, que vai desde as que empregam uma ou duas dezenas de operários até às que empregam largas centenas, os problemas são bem diversos. Como diferentes são também os objectivos da sua produção já que se a maioria destas fábricas produz para o abastecimento interno, outras têm a sua produção incluída na área estratégica de exportação, como é o caso



ções tenha sido definido como tarefa fundamental deste sector. Mas, é também aqui que tem residido a principal dificuldade.

exportamos?

cipalmente de carácter organizativo. Estas visam, em primeiro lugar, assegurar o funcionamento das chefias aos diversos níveis, condição para garantir a participação efectiva de todos os trabalhadores na discussão e resolução dos problemas da produção através da realização de colectivos semanais, que se inserem no processo de Emulação Socialista.

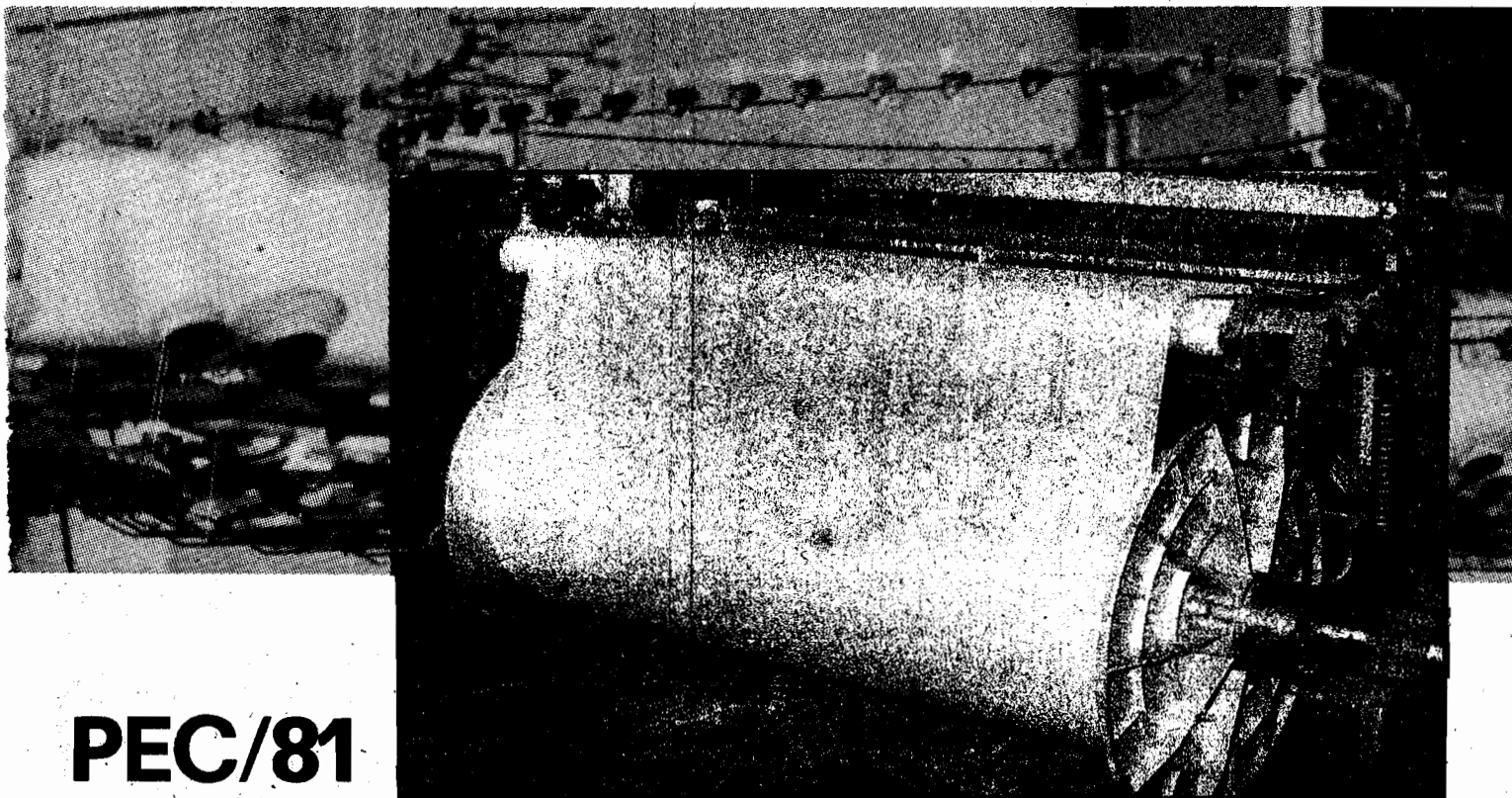
Naturalmente, num sector como

da Mapril e da Riopele, ambas situadas na Província do Maputo.

Como é evidente, existe uma relação muito estreita entre as duas áreas, já que uma melhoria no abastecimento das populações depende em larga escala das exportações, já que são as divisas assim obtidas que vão permitir importar tudo aquilo que ainda não se produz em Moçambique. Daí que, exportar mais e em melhores condi-

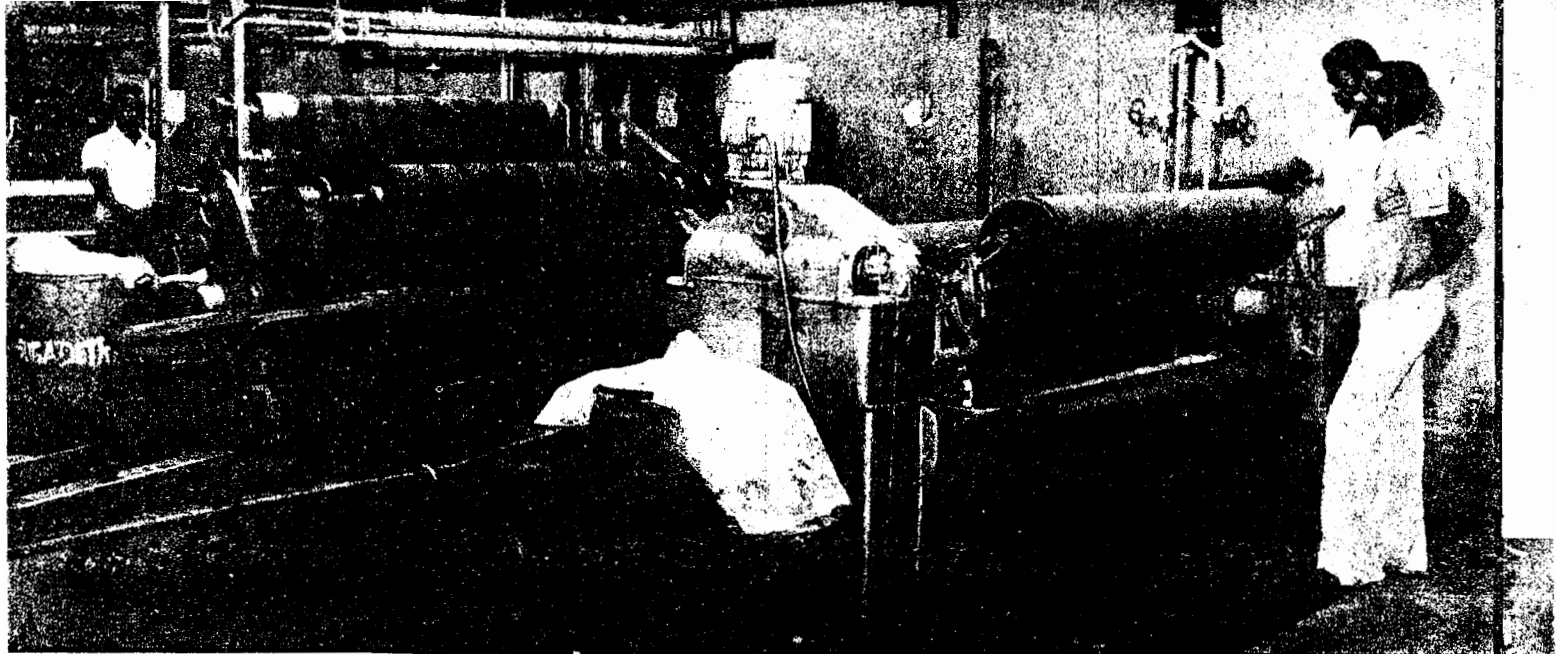
PRODUIR PARA EXPORTAR

A Riopele é uma fábrica moderna e bem equipada que, pelo seu elevado nível de limpeza foi recentemente distinguida pelo Conselho de Ministros no âmbito da Segunda Campanha da Ofensiva Política e Organizacional. Dispõe de 120 teares, presentemente todos em funcionamento, e produz tecidos para vestuário e para cortinados,



Pormenor de uma máquina da secção de tecelagem da Riopele

PEC/81 têxteis

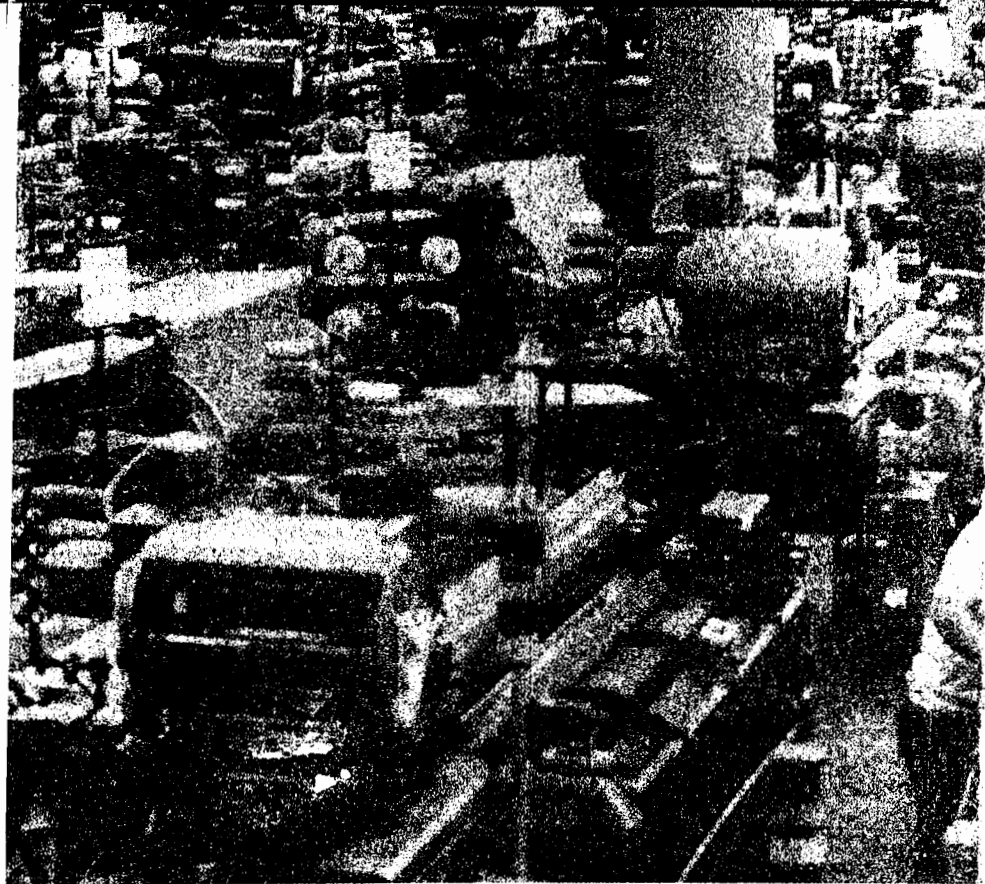


Antes de ser dado como acabado, o tecido passa por diversas operações. Uma delas é a lavagem

estofos, etc., a partir de fibras químicas. Da sua produção total, apenas pouco mais de 10 por cento se destina ao mercado interno, sendo o restante destinado à exportação.

No primeiro trimestre do ano, o seu plano de produção foi cumprido em cerca de 80 por cento. As principais causas deste desvio são apontadas pelo eng.^o Pedro Vieira, director fabril da empresa: Paralisação de dois teares por falta de acessórios; mais trabalhadores de férias do que o normal, em Dezembro passado, devido a férias acumuladas; incorporação no serviço militar de trabalhadores especializados que tiveram de ser substituídos por aprendizes; falta de produtos químicos para o acabamento, o que motivou a paralisação desta secção durante cerca de um mês; cortes de energia eléctrica; dificuldades com o transporte de trabalhadores para a fábrica, o que origina atrasos; e absentismo.

Salientou o eng.^o Pedro Vieira que a Riopele está dotada de «equipamento moderno, cuja manutenção tem sido feita com cuidado, embora exista falta de alguns técnicos». Apesar de, neste campo, a situação neste momento não ser grave, «poderíamos ter rendimento superior se o mercado interno es-



tivesse melhor abastecido em certos materiais», como sejam, rolagens, parafusos, correias, eléctrodos, cuja aquisição só é possível através do recurso à importação. Contudo, para diminuir esta dependência e economizar divisas, estão a ser desenvolvidos esforços no sentido de equipar a oficina da fábrica com máquinas e ferramentas que permitam a produção de pequenas peças.

Neste momento, a Riopele importa todo o fio de que necessita. Porém, encontram-se já em fase de acabamento as instalações onde será instalada a fiação, que ficará dotada com 14 040 fusos e cujo funcionamento em pleno deverá acontecer dentro de 10 a 12 meses. A partir de então, passará a importar-se ramas e a produzir-se localmente o fio, o que «representa uma economia no mínimo de 50 por cen-

to em divisas», na opinião do director fabril da Riopele.

Situação um pouco diferente é a da Mapril, unidade de produção que utiliza como matéria-prima fio poliéster — algodão — e que foi montada nas instalações de uma antiga fábrica de caju. A partir daqui, surgem alguns problemas de dimensionamento, agravados por frequentes faltas de água e de energia eléctrica.

Porém, os principais factores que levaram ao não cumprimento das

metas no primeiro trimestre do ano foram a não entrega a tempo de fio e atraso na montagem de 12 máquinas, ainda não concluída por falta de componentes. Por outro lado, o director fabril da empresa, Filinto Lopes, aponta também a «falta de acessórios para outras cinco máquinas». E, no que respeita à importação, acrescenta o mesmo responsável que «compreende que se façam todas as tentativas para encontrar melhores preços, mas que o Boletim de Importação demore oito meses até chegar ao Banco é que não».

A Mapril, cuja produção se destina ao mercado externo, esteve parada durante mais de um ano, devido à falta de matérias-primas, o que além de originar problemas financeiros também teve reflexos na parte organizativa. Sobre este aspecto, Augusto Tombo, actual responsável administrativo da empresa, esclarece que «com a fábrica parada é difícil falar em disciplina, pontualidade e produção». Essa inércia fez-se sentir nos primeiros dois meses de trabalho da nova administração e «numa pri-



meira fase a nossa principal preocupação foi tentar enquadrar os trabalhadores no sistema de produção».

Como é fácil de compreender, em tais situações o relacionamento entre as estruturas deixa muito a desejar, tanto mais que nem sempre terão sido tomadas as medidas mais adequadas. Hoje, começam já a funcionar os colectivos aos diversos níveis, sendo a Mapril uma das fábricas escolhidas para implementar prioritariamente o processo de Emulação Socialista ao nível do sector têxtil.

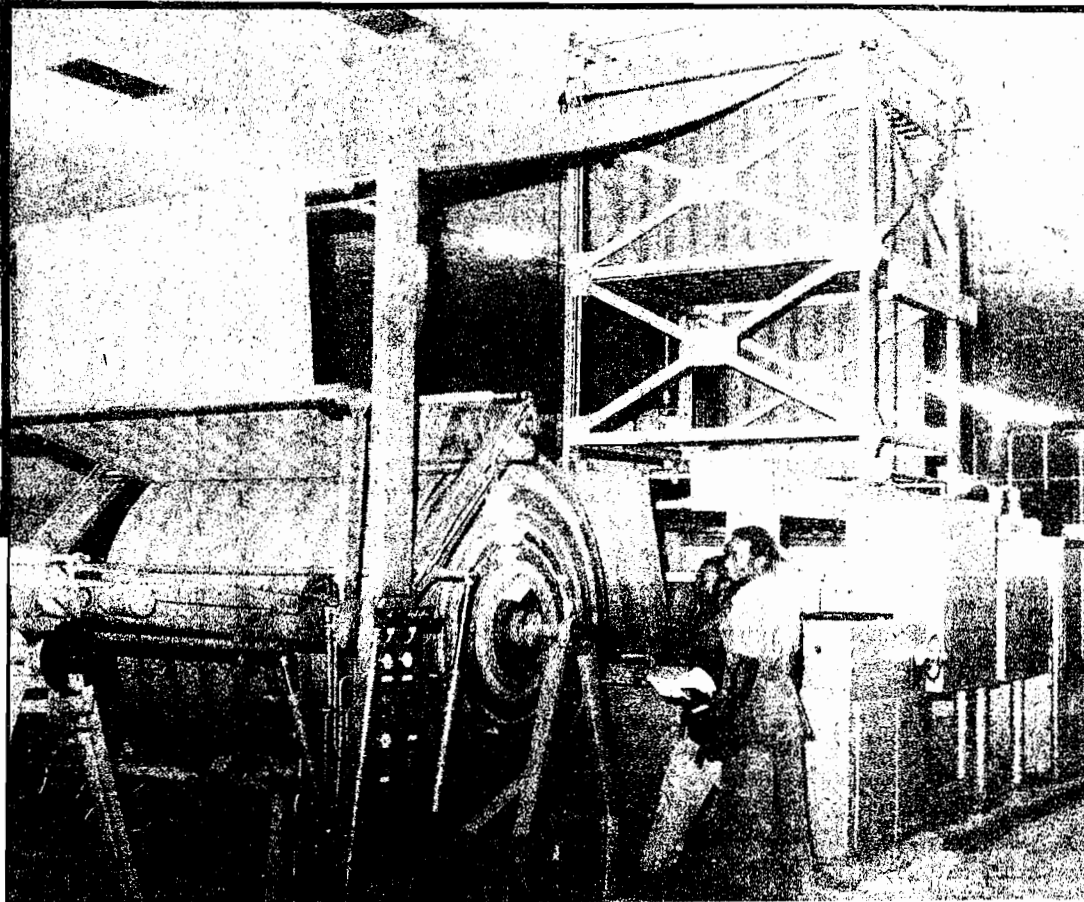
Depois de lavado, o tecido ainda é submetido a um banho especial antes de ser seco automaticamente e enrolado



Aspecto parcial da secção de tecelagem da Riopele

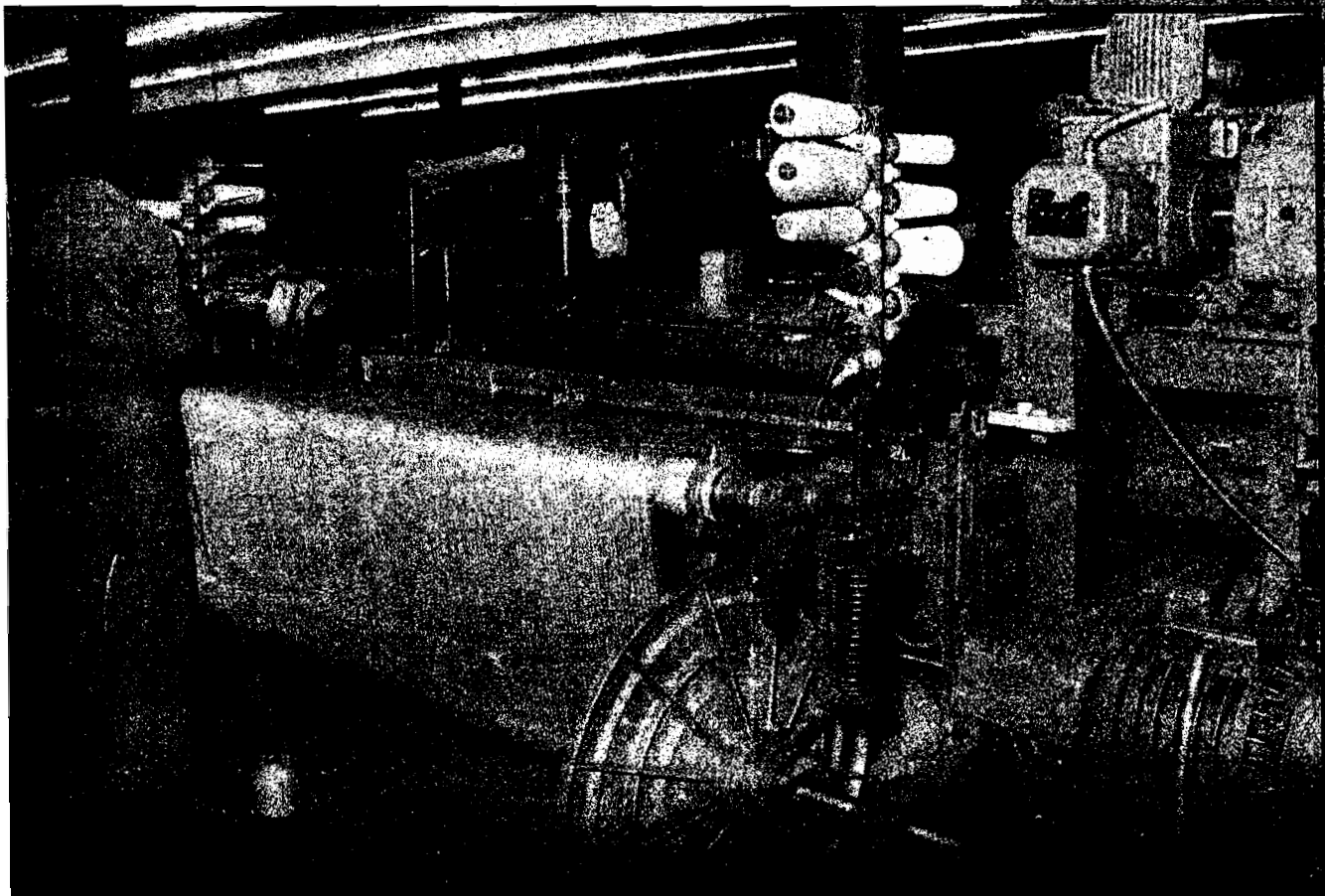
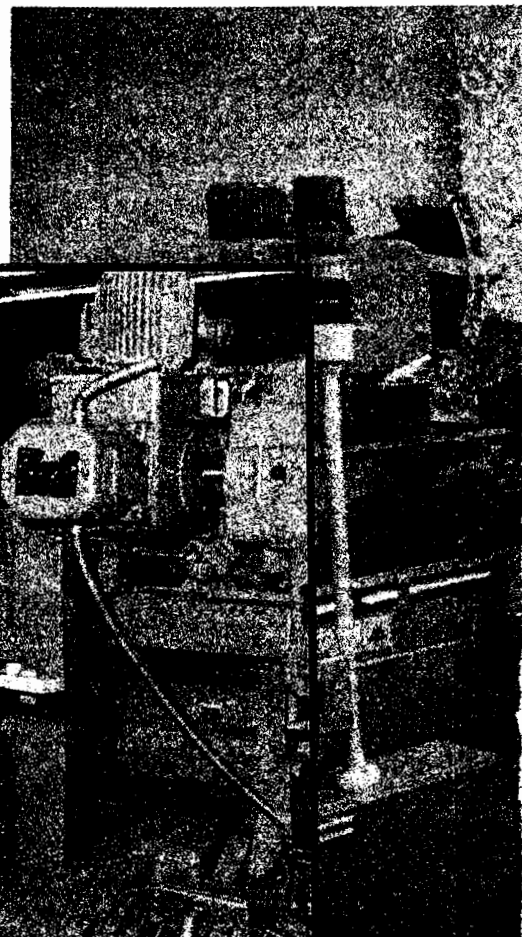
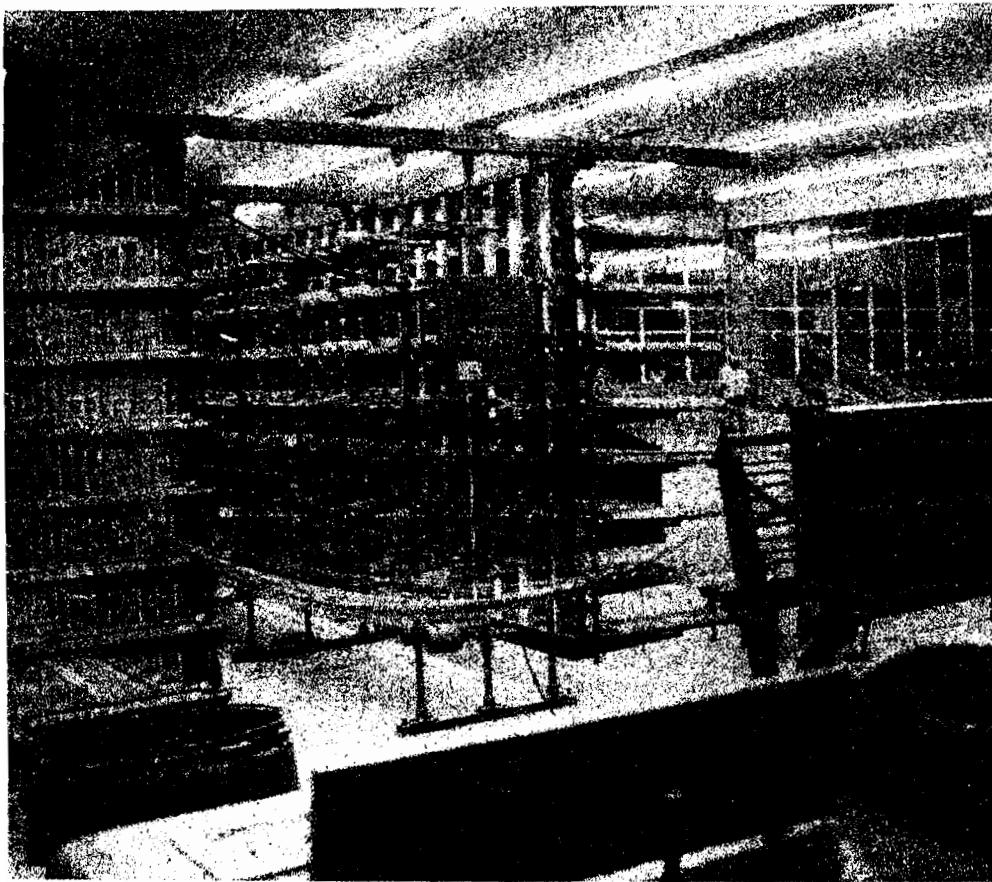
PEC/81

têxteis



O QUE IMPEDE A EXPORTAÇÃO?

Não obstante as dificuldades apontadas, ambas as fábricas têm estado a produzir e são notórios os esforços feitos no sentido de ser cumprido o Plano de Produção. Contudo, tendo-lhes sido atribuído a responsabilidade de exportar, este objectivo não foi ainda totalmente conseguido. Os motivos poderão ser diversos e sem se entrar no campo da especulação poderá perguntar-se o que tem dificultado a conquista de mercados externos. Será uma questão de tecnologia, de



direcção, de organização, ou a conjugação de vários factores?

A partida, a qualidade parece não constituir entrave à exportação, já que os responsáveis de ambas as unidades de produção são unânimes em apontar a boa qualidade dos artigos que produzem. E, este é um factor que só vem comprovar a capacidade do operário moçambicano, que foi classificado por um responsável como «tão bom como qualquer operário do mundo».

Aliás, este mesmo aspecto viria a ser abordado pelo eng.º Pedro

Vieira ao focar questões relacionadas com a formação profissional na Riopole. «O nível médio de habilitações é baixo — disse — mas podem formar-se bons tecelões e operadores de máquinas.»

Ainda no que respeita a esta unidade de produção, os contactos para a exportação foram iniciados em Dezembro de 1979. A nível de África, existem alguns países considerados como mercados potenciais, para um dos quais deverão seguir em breve algumas centenas de milhar de metros, uma vez firmados já os respectivos contratos.



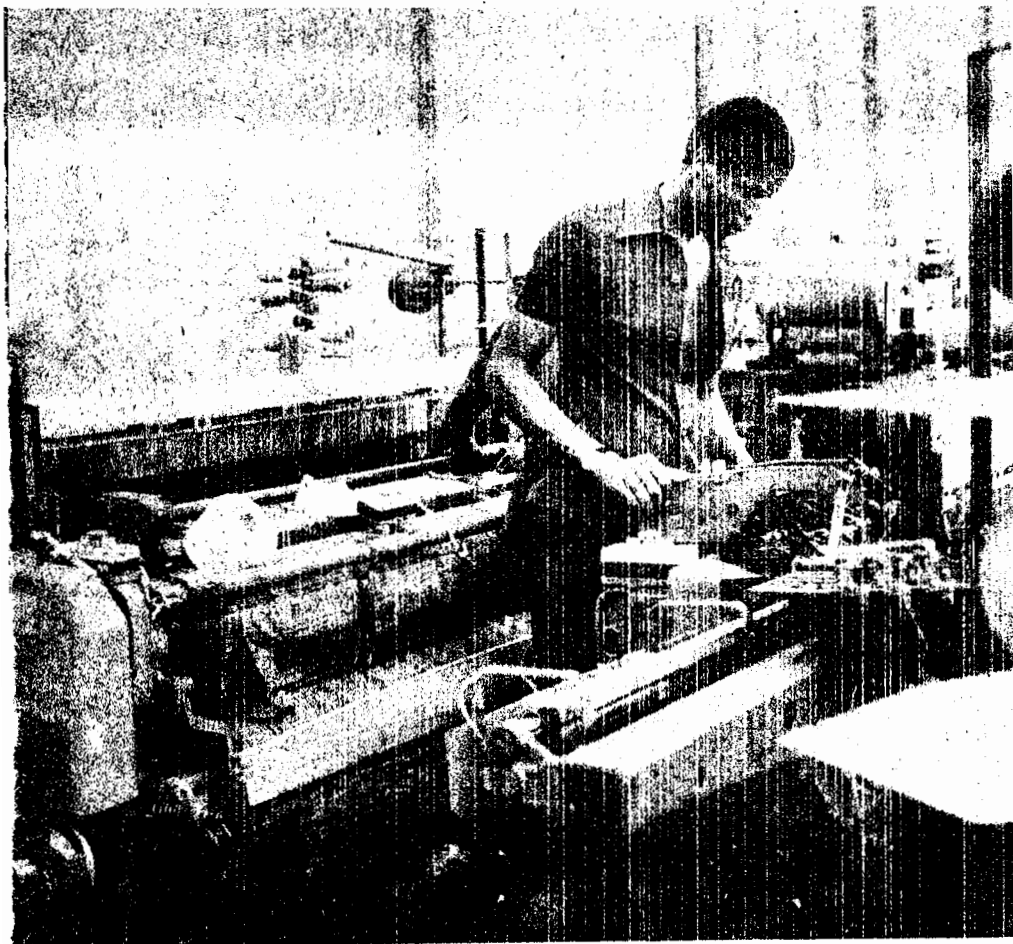
Outros países há que se mostram também receptivos à compra dos referidos tecidos, estando a decorrer as negociações.

Apesar de existirem estas perspectivas de exportação, tal não exclui a necessidade de uma maior agressividade e de competitividade. E, a resolução deste último aspecto assenta fundamentalmente na montagem da fiação o que irá fazer baixar o custo das matérias-primas, como é convicção do director fabril da Riopole.

No que se refere à Mapril, a exportação foi-nos apontada como sendo um «caso agudo». Isto, porque «foi demasiado em cima da hora que nos disseram que tínhamos que exportar e exportar não é fácil. Há concorrência e todo um sistema de comercialização para o qual não estávamos preparados».

Conquistar mercados, é aqui também o aspecto fundamental. E, nesse sentido foram já iniciados alguns contactos, assegurada a participação em feiras internacionais.

Como é evidente, vender para o mercado internacional exige grande agressividade e impacto comercial. Exige um tipo de organização que talvez seja necessário criar a partir da base. Mas, serão estes os únicos factores que têm impedido a colocação dos nossos tecidos no mercado externo? Esta, uma questão que de momento ainda fica por responder. □



Diversas fases do fabrico de tecido

PEC/81 têxteis